Carta da América

O senador John Edwards, um dos candidatos presidenciais do Partido Democrata, gosta de usar a expressão «duas Américas» nos seus discursos. Quando se refere a este tema – que não é novo, pois já o tinha abordado quando concorreu à vice-presidência, com John Kerry – está essencialmente a falar de ricos e pobres. A sua análise sobre o que está mal nos Estados Unidos centra-se na tese do crescente fosso existente entre os que «possuem» e os que «não possuem» – e que faz perigar o futuro do país. Esta é certamente uma hipótese credível, mas existem muitas outras formas de olhar para o tema das «duas Américas».

Os Estados Unidos são um país irremediavelmente dividido e será preciso muito tempo para voltar a reunir as diversas peças. Está na moda, entre os observadores políticos, dividir o país entre os chamados «estados azuis» e «estados vermelhos», ou seja, liberais *versus* conservadores ou esquerda *versus* direita. Os estados azuis são bem conhecidos – Nova Iorque e Califórnia, por exemplo. Por vezes, as pessoas referem-se à América em termos de costas (litoral) *versus* centro. Parte-se do princípio de que o litoral Nordeste é um bastião de indivíduos progressistas e livre-pensadores, tal como a Costa Ocidental, enquanto os estados do Centro (e do Sul) são, de forma genérica, muito tradicionais e conservadores. Mas sendo etiquetas simpáticas, o certo é que não se aplicam à realidade. Uma vez que as eleições americanas são organizadas estado a estado e não são um referendo directo, não faz sentido que os políticos olhem para estados individuais como pontos de referência básicos para a corrida presidencial. Muitos se recordarão que Al Gore teve mais votos que George Bush mas perdeu a eleição devido a regras próprias dos estados, um facto que nunca deixa de desconcertar a maioria dos europeus (e, diga-se em abono da verdade, também muitos americanos).

O sistema permite que os observadores políticos classifiquem alguns estados como *swing states*, ou seja, estados que estão mais ou menos divididos

equitativamente entre Democratas e Republicanos e que podem pender (*swing*) para um ou para o outro, dependendo da eleição em causa. A Florida e o Ohio são um exemplo de estados pendulares, que, continuando o esquema cromático, são por vezes classificados como «púrpura».

No entanto, se olharmos para as actuais circunscrições, que normalmente correspondem a condados, começamos a ver um fenómeno diferente. Um grupo conservador publicou um mapa eleitoral, com as circunscrições, da contenda Gore/Bush; à distância, o país parece ser uma enorme mancha vermelha com alguns pequenos pontos azuis. Chamaram-lhe o «País de Bush», uma manobra propagandistica inteligente que tinha o objectivo de fazer passar a impressão de que a vasta maioria do território americano era Republicana, com algumas – poucas – bolsas de Democratas. Mas, olhando mais de perto, esses pequenos pontos azuis incluíam a cidade de Nova Iorque, Los Angeles, Chicago, Filadélfia, Cleveland – na verdade, quase todas as grandes cidades e as suas áreas metropolitanas. O facto é que não interessa propriamente identificar em que partes do país estavam as manchas azuis. Atlanta, na Georgia, era tão azul como São Francisco ou Detroit ou mesmo a Cidade do Kansas. O que resulta da leitura do mapa, é que vai ficando mais vermelho à medida que nos afastamos das grandes cidades. A divisão entre Democratas e Conservadores, entre liberais e conservadores, depende sobretudo da localização em termos urbanos. Assim, estados, como a California e Nova Iorque, que têm uma preponderância de cidades grandes, são institucionalmente azuis, e estados como o Idaho, predominantemente rurais, são vermelhos.

Quando se pondera devidamente este fenómeno demográfico, torna-se mais fácil analisar a dualidade da América, e como é que essa dualidade se traduz em termos de atitudes políticas. Olhando para a política externa, por exemplo, é relativamente fácil deduzir que pessoas que residem em grandes áreas metropolitanas, com uma incrível diversidade de populações – diferentes origens étnicas, diferentes raças, onde frequentemente se falam diferentes línguas – têm

uma percepção do mundo mais multilateral; que pessoas habituadas a viver com a diversidade têm mais facilidade de lidar com acordos com outros países baseados no consenso. Por seu lado, as pessoas que vivem em comunidades relativamente homogéneas, terão mais dificuldade em pensar em termos multilaterais e em complexos acordos que envolvem pessoas em relação às quais pouco sabem e ainda menos confiam. Para pessoas habituadas à interacção face a face com os vizinhos, muito semelhantes a eles próprios, uma abordagem unilateral em relação ao exterior parece mais prudente do que a complexidade de construir consensos com múltiplas entidades externas.

O melhor exemplo desta dinâmica é, provavelmente, a actual controvérsia em relação à melhor forma de resolver o problema dos milhões de trabalhadores indocumentados que actualmente existem na América e às alterações ao processo de regulação das migrações, num mundo cada vez mais perigoso. De novo, as pessoas das grandes cidades não estão tão preocupadas com o grande número de trabalhadores indocumentados no seu seio como quem vive em ambientes mais pequenos, onde os *outsiders* sobressaem, com uma presença muito mais óbvia. O Congresso e o Presidente estão envolvidos numa contenda para chegar a uma verdadeira reforma, devido a estas diferenças intrínsecas. Existem aqueles que, no campo conservador, desejam que seja organizada uma operação maciça de repatriamento de todos os trabalhadores indocumentados, seja qual for a sua origem e por mais impraticável que tal operação seja quando estão em causa cerca de vinte milhões de pessoas. Os liberais não são, normalmente, tão assertivos em relação a este tema pelo que estão mais inclinados a dar aos trabalhadores indocumentados uma oportunidade de ter algum estatuto legal, permanente ou temporário. O debate torna-se ainda mais complexo quando se tem em consideração o espectro da possível entrada de terroristas, infiltrados no meio dos fluxos contínuos de trabalhadores indocumentados.

Existem muitas ironias em torno da questão dos trabalhadores ilegais. Uma delas é a existência de uma aliança tácita entre as grandes empresas americanas, a

esquerda, a igreja católica e as comunidades de imigrantes, pois todos defendem a clemência em relação aos indocumentados, se bem que por razões totalmente diferentes.

Mas a maior de todas as ironias refere-se ao potencial terrorista. As pessoas que vivem nas cidades mais povoadas – aqueles que têm de facto sido alvos de terrorismo, como os nova-iorquinos – são os mais tolerantes em relação aos indocumentados, e logo os mais vulneráveis à entrada de potenciais terroristas. E as pessoas que vivem nas distantes zonas rurais, como o Wyoming ou o Mississippi, são precisamente as menos tolerantes perante os trabalhadores indocumentados e as mais receosas de potenciais ataques terroristas. Estas pessoas vivem em locais onde a probabilidade de ocorrer um ataque da al-Qaida ou algo similar é muito reduzida. É este grupo que reage mais positivamente à constante retórica do Presidente Bush contra o terrorismo e que actualmente compõe o último bloco de apoio à sua administração.

A única forma de entender estas aparentes contradições passa pelas raízes sociológicas destas regiões. De que outra maneira se podem explicar as muitas contradições que formam a América? Como pode ser simultaneamente uma sociedade sexualmente permissiva com uma tão forte contra-corrente puritana? Como é que o país com o maior número de vencedores do prémio Nobel nas áreas cientificas pode ter também uma das maiores percentagens de pessoas que não acreditam em algo tão básico como a teoria da evolução? Como é que o país que tem estado na vanguarda mundial do movimento ecológico pode recusar-se a cooperar com a maioria dos tratados internacionais sobre esta matéria?

As contradições são tantas que não é possível enumerá-las aqui. A América é um país difícil de explicar em poucas linhas. A dinâmica das «duas Américas» – não a versão ricos *versus* pobres do Senador Edwards mas sim a do modelo urbano *vs* não-urbano – é, pelo menos, um ponto de partida para tentar decifrar as facetas contraditórias de um país que parece sempre

desconcertar o mundo mas que, apesar dos seus detractores, ainda mantém uma tremenda influência internacional. </p>